

Fenomenologia, Gênero e Sexualidade

Phenomenology, Gender and Sexuality

Eduardo Marandola Jr.

Professor da Universidade Estadual de Campinas. ejmjr@unicamp.br

Tatiana Benevides Magalhães Braga

Professora da Universidade Federal de Uberlândia. tatiana.braga@ufu.br

Antonio Bernardes

Professor da Universidade Federal Fluminense. antonio_h_bernardes@yahoo.com.br

Resumo: O presente texto apresenta os artigos propostos no dossier Fenomenologia, Gênero e Sexualidade, discutindo sua inserção no panorama atual dos estudos de gênero.

Descritores: Fenomenologia; Estudos de Gênero; Sexualidade.

Abstract: This text presents the articles proposed in the dossier *Phenomenology, Gender, and Sexuality*, discussing their relevance within the current landscape of gender studies.

Descriptors: Phenomenology; Gender Studies; Sexuality.

O objetivo deste dossier é repercutir as possibilidades e as potencialidades da Fenomenologia para os Estudos de Gênero e de Sexualidade. Embora autoras importantes do campo tenham reconhecidas influências fenomenológicas – como Simone de Beauvoir (2012) e Judith Butler (2017,2018), por exemplo – e recentemente tenham aumentado as investigações nessa interface em diferentes países, pode-se dizer que tais repercussões ainda são pontuais no Brasil.

De outro lado, a importância dos debates em torno de gênero e das sexualidades nas pesquisas fenomenológicas também constitui uma fronteira a ser mais bem delineada e desdobrada, o que tem sido mobilizado em especial pelo que tem sido chamado de Fenomenologia Crítica. Nesse sentido, este dossier reúne contribuições que destaquem e

desenvolvam aspectos desses mútuos atravessamentos que provocam repositionamentos necessários em ambos os sentidos.

A proposta tem origem no Nomear – Grupo de Pesquisa Fenomenologia e Geografia, do Laboratório de Geografia dos Riscos e Resiliência (LAGERR) da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) da Unicamp¹. O grupo envolve pesquisadores de várias universidades do país, assim como alunos de graduação e de pós-graduação de várias áreas do conhecimento, em especial dos programas de pós-graduação em Geografia (PPGEO, Instituto de Geociências da Unicamp) e Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (ICHSA, Faculdade de Ciências Aplicadas da Unicamp). Um de seus grupos de estudo é dedicado a “Fenomenologia e Gênero”, e foi a partir dele que se organizou o dossiê “Fissuras, encontros e rupturas: uma ontologia pulsante do gênero”, publicado na revista Cadernos PET Filosofia, da Universidade Federal do Piauí (v. 14, n. 27, 2023²), curadoria de Tiago Rodrigues Moreira e Fernanda de Faria Viana Nogueira, assim como a oitava edição do Seminário Local do Nomear sobre “Gênero e sexualidade”, realizado em agosto de 2023³, que dá origem ao presente Dossiê.

Além dos trabalhos monográficos (dissertações e teses), acolhemos resultados de pesquisas de pós-doutorado realizadas no LAGERR e no ICHSA, além de convidados externos especialistas no tema que problematizaram questões referente à pesquisa na área, à literatura, ao existencialismo e à saúde mental. A área de atuação/formação dos/das autores/autoras é diversa: Geografia, Filosofia, Psicologia, História, Direito, Arquitetura e Urbanismo.

O conjunto dos artigos discute as articulações potenciais, bem como percorre caminhos entre Ciência, Filosofia e Arte, atuando no contexto inter/transdisciplinar. A expectativa é mobilizar e repercutir os atravessamentos que uma Fenomenologia Crítica e Feminista, como tem sido defendido por diferentes autoras, seja atuante na renovação dos estudos fenomenológicos, seja na potencialização de questões emergentes no que se refere à sexualidade e ao gênero, em especial na perspectiva da corporeidade, e dos múltiplos atravessamentos que a dimensão existencial oferece.

¹ Ver em: <https://www2.fca.unicamp.br/lagerr/>.

² Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/pet/issue/view/272>.

³ Ver em: <https://www2.fca.unicamp.br/lagerr/index.php/eventos/seminario-local-nomear/seminario-local-nomear-edicoes-anteriores/170-vii-seminario-local-do-grupo-de-pesquisa-fenomenologia-e-geografia>.

O dossiê, portanto, cumpre uma tarefa ambivalente: provocar os dois campos (de gênero e de sexualidade, de um lado, e os estudos fenomenológico-existenciais, de outro) ao debate para mútuos atravessamentos.

Iniciamos o dossiê com o artigo de Lux Ferreira **Lima**, que desdobra as questões *queer* no “Ameaças de atravessamento: sobre pensamento e arte trans”, no qual são mobilizados os tensionamentos das produções artísticas trans das matrizes de inteligibilidade hegemônicas cisnormativas. O texto busca argumentar como essas obras manifestam a potência dos movimentos de desfazimento de tais moldes, convidando à significação e ao diálogo pautados no trânsito e na subjuntivização, reverberando epistemologias dissidentes.

Nessa perspectiva, torna-se também fundamental, como posicionamento epistemológico e ético-político, a adoção de linguagem neutra ao longo do texto, buscando abarcar três dimensões. Primeiramente, reconhecer o caráter histórico, político e ideológico da linguagem, cuja forma oficial apresenta, ainda hoje, diversos termos e expressões cujas raízes podem ser encontradas no racismo (Tribunal Superior Eleitoral, 2022), no machismo e em outras formas de preconceito, mas que sistematicamente desconhece as existências transgênero e outras expressões socioculturais de populações politicamente minorizadas (Takano, 2024). Em segundo lugar, visibilizar essas identidades, afirmindo política e epistemologicamente suas existências na linguagem como elemento de coerência com a própria discussão teórica apresentada no texto. Em terceiro lugar, chamar a atenção para o debate sobre a linguagem acadêmica nos estudos de gênero, que realizam uma crítica teórica profunda dos processos de dominação, porém por vezes se veem subsumidos à ordem linguística e acadêmica oficial, mesclada a preconceitos historicamente sedimentados.

Eduardo **Marandola Jr.** e Tiago Rodrigues **Moreira** realizam uma leitura das possibilidades das relações entre Fenomenologia e estudos de Gênero e de Sexualidade, trazendo um primeiro esboço de possibilidades de mútuas fecundações. O artigo “Perspectivas fenomenológicas e existenciais de gênero e de sexualidade: transpondo interdições” retoma alguns momentos importantes da trajetória desses diálogos, buscando apontar contribuições e aberturas recentes da Fenomenologia Crítica e suas potencialidades, especialmente no que se refere à corporeidade e à situação.

Os próximos três artigos enfrentam as questões a partir de diálogos com manifestações artísticas, notadamente a literatura.

Taís Alves **Teixeira** e Antonio **Bernardes** mobilizam a narrativa de Carolina Maria de Jesus para pensar o sentido de catástrofe ancestral, a partir de seu clássico “Quarto de despejo”, em “A dessacralização da terra e a catástrofe ancestral”. Os autores articulam os elementos da herança da colonização, como a fome e a violência de gênero, à situação vivida na contemporaneidade, diante dos extremos climáticos. Como escrevivência, a autora traz em seu diário o lugar de enunciação de um sujeito fraturado desde um corpo racializado e generificado que vive a exclusão como um estar fora do lugar.

No artigo “Geografias do fenômeno industrial: experiências femininas em ‘Parque Industrial’, de Patrícia Galvão”, Beatriz Santos de **Souza** revisita o clássico de Patrícia Galvão (Pagu), ícone da luta feminista no modernismo, mostrando como sua narrativa coloca em evidência a experiência de mulheres do contexto industrial, sem homogeneizar as personagens, mas trazendo suas singularidades e diferentes enfrentamentos da opressão sexual, da exploração do trabalho e da situação da mulher no contexto urbano capitalista das primeiras décadas do século XX.

Por fim, “Vingar com palavras: o que pode nossa Geografia escrever?”, Fernanda Viana **Nogueira** traz uma escrita visceral, repercutindo as obras de Annie Ernaux e Conceição Evaristo, reconhecendo a relação mundo-corpo como o laço mais íntimo existente. A experiência das mulheres, pela escrita, é uma reivindicação feita pela palavra como vingança. Escrever o mundo, como uma geografia de outros contornos é, portanto, reclamar a própria existência.

Os dois últimos artigos do Dossiê mobilizam aberturas referentes ao encontro dos campos em debate.

Em “As geografias das lutas pelo reconhecimento”, Benhur Pinós da **Costa**, problematiza, a partir da experiência, os processos constitutivos da consciência de “si” a partir da relação com o “outro”, mobilizando, a partir da Geografia, as relações com/no espaço de uma corporeidade situada entre imanência e genericidade. O autor mobiliza o pensamento de Judith Butler e de Axel Honneth, apresentando trajetórias diferenciais de percepção, representação e produção do espaço a partir das lutas por reconhecimento.

Por fim, Tatiana Benevides Magalhães **Braga** e Eduardo **Marandola Jr.**, apresentam discussões a partir de pesquisa realizada em um Centro de Atenção Psicossocial Infantil de uma cidade de médio porte do interior de São Paulo. “Dimensões de gênero na emergência

das demandas a um CAPSi à luz da fenomenologia existencial” analisa as questões de gênero presentes nas queixas dirigidas ao CAPSi, buscando compreender suas manifestações mais frequentes e suas trajetórias de constituição a partir de uma perspectiva fenomenológica das relações de gênero e da própria saúde mental.

A seguir, encontra-se a resenha do livro “Feminist Existentialism, Biopolitics, and Critical Phenomenology in a time of bad health”, de Talia Welsh, escrita por Mayara Sebinelli Martins, publicado em 2022. É um excelente exemplo das potencialidades da Fenomenologia Crítica e Feminista, em sua plasticidade temática e sua relevância política e social.

Fechamos o dossiê com a tradução do artigo da filósofa Sarah Ahmed, “Orientações: rumo a uma fenomenologia queer”, feita por Lux Ferreira Lima e Felipe Costa Aguiar. O artigo, originalmente escrito como primeiro capítulo da obra “Queer phenomenology”, de 2006, traz a perspectiva adotada pela autora na articulação entre os estudos queer e a fenomenologia. A perspectiva da orientação é utilizada enquanto categoria para significar tanto a consciência da situacionalidade existencial, quanto os direcionamentos dos desejos e os atravessamentos da cisheteronorma.

Esperamos que os artigos contribuam para fomentar debates e para imaginar possibilidades nessas ricas interfaces.

Agradecemos aos participantes do Seminário Local do Nomear, que deu origem ao Dossiê, bem como ao ICHSA/Unicamp e ao PPGE/Unicamp, por seus constantes apoios às nossas atividades. Agradecemos, por fim, à Revista Perspectivas em Psicologia, por acolher nossa proposta e viabilizar esta publicação.

Referências

- Beauvoir, S. (2012). *O segundo sexo*. Editora Nova Fronteira.
- Butler, J. (2017). *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*. 1^a ed. Autêntica Editora.
- Butler, J. (2018). “Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista”. *Caderno de leituras* 78. Edições Chão da Feira.
- Takano, J. C.. (2024). Deixando o X para trás na linguagem não binária. *Cadernos Pagu*, (72), e247202. <https://doi.org/10.1590/18094449202400720002>
- Tribunal Superior Eleitoral (2022). *Expressões racistas: Por que evitá-las*. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2022. Disponível em:

https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/bitstream/handle/bdtse/11048/2022_tse_expressoess_racistas_evitalas.pdf?sequence=1&isAllowed=y